

TRIGO: A SALVAÇÃO DA LAVOURA

A nova safra de trigo 2023 pode não ser tão perfeita quanto foi a de 2022, que alcançou produtividade, qualidade e preços altos. Mas, novamente, poderá ajudar os produtores da Região Sul que enfrentaram perdas significativas com a estiagem (mais uma) na recente safra de verão de soja e milho

Thais D'Avila

O Rio Grande do Sul, sozinho, foi responsável por mais da metade da produção brasileira de trigo no ano passado. Concentrado na Região Sul, o cereal teve uma safra cheia em 2022. Para os gaúchos, sobretudo, foi a salvação da lavoura. Depois de três safras de verão frustradas por causa das estiagens que levaram a perdas gravíssimas, os produtores saborearam o gostinho da vitória ao menos com a recente colheita de inverno.

Além da qualidade dos grãos, a produtividade foi elevada e os preços altos garantiram que a conta, no ano, fechasse positiva depois dos prejuízos que o fenômeno La Niña provocou na safra de soja e milho no verão. No sexto levantamento divulgado pela Conab, em março, a safra de trigo brasileira havia fechado em 10,55 milhões de toneladas. A produtividade média brasileira foi de 3.420 quilos por hectare. No Rio Grande do Sul, os triticultores chegaram a colher, em média, meia tonelada a mais do que a média nacional – 3.940 quilos por hectare.

Neste mês de abril em que se inicia o plantio em algumas regiões produtoras, o tamanho da área dedicada à cultura ainda não está definido. Mas 2023 traz novidades: o fim do fenômeno La Niña e as primeiras manifestações do fenômeno El Niño que, até março, vinha dando sinais fracos de presença. Entretanto, para os produtores associados da Coopatrigo – Cooperativa Tritícola Regional São-Luizense, de São Luiz Gonzaga/RS, a ideia é repetir a área do ano passado, até com uma pequena elevação.

O coordenador técnico da cooperativa, Bento Jacó Büttenbender, explica que o associado vai investir na cultura de inverno, “visto que, novamente, a região das Missões está sendo castigada pela estiagem, bem expressiva e significativa no verão”. Mas, segundo ele, isso não representa um aumento significativo de área de trigo para este ano, especialmente porque a região já tem excelência na produção. “Então, não vai aumentar muito”, avalia. A cooperativa incentiva a adoção da sistematização da produção, em que o produtor diversifica atividades na propriedade para ter renda em diferentes épocas do ano; o trigo é uma delas.

Conforme Büttenbender, o fomento à sistematização promoveu o crescimento da área com o cereal nos últimos anos, pela divisão dos custos e porque “uma cultura ajuda a pagar a outra e não coloca todos os ovos na mesma cesta”, compara. A diversificação das atividades tem benefícios que vão além do financeiro: auxilia na conservação de solo, reciclagem de nutrientes e até na questão de custos de produção das culturas futuras. É o “conjunto da obra” fez com que o trigo aumentasse nos últimos anos. “Se ele manejar bem o trigo, faz a semeadura de soja no limpo. Tem muito produtor que, em três anos, começou a plantar trigo, pois tem a sua área coberta com palha, não tem a incidência de invasoras, conserva o solo, deixa o nutriente e ele tem o resultado”, resume.

A cooperativa da região das Missões vem registrando aumentos consecutivos na área com trigo, mais do que a média do estado. Depois do salto de 12% de 2020 para 2021, a área com o cereal, na região, cresceu menos do que a média estadual, porém ainda teve alta de 5% em 2021 para 2022. E, para esse ano, o percentual deve ser de mais 3%, avalia o coordenador técnico.

O diretor técnico da Emater-RS, Alencar Rugeri, acredita na evolução de área com trigo no estado. Embora ainda não haja números de intenção, o cenário aponta

para o incremento. “É uma sensação já que os fertilizantes estão mais em conta e tem de novo a estiagem no verão e, por isso, o produtor busca o trigo para salvar o prejuízo no ano”, afirma. Rugeri reconhece que o ânimo dos produtores não é dos melhores, por causa da estiagem que avançou até no outono. “É um momento desconfortável, o produtor está tenso. Mas eu acredito que tem espaço para avançar”, explica.

O dirigente é um dos que apoia a diversificação como forma de minimizar eventuais perdas e acredita que os três anos de estiagem para os produtores gaúchos foram uma grande escola. “Os produtores têm caminhado para a produção, por exemplo, de uma ‘poupança’ para o gado com pré-secado, com silagem. É melhor fazer isso no inverno do que na safra de verão”, revela. Segundo ele, são estratégias que mudam a estrutura da propriedade e a mentalidade do produtor. “É no sofrimento que se aprende a mudar. Quando está tudo bem, vai mudar para quê?”, provoca Rugeri, referindo-se ao longo período de seca enfrentado.



Trigo é a principal cultura de inverno para os associados da Coopatrigo, que recebem a orientação de diversificar para melhorar rentabilidade total

Cenário mundial

O Brasil ocupa a 15ª posição no ranking mundial de produção de trigo com, em média, 10 milhões de toneladas do grão. No topo da lista, está a China que, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), produz quase 138 milhões de toneladas, seguido pela União Europeia com 135 milhões, a Índia, com mais de 100 milhões e a Rússia com 92 milhões de toneladas.

O Brasil não é autossuficiente em trigo, produzindo em torno de 10,5 milhões e consumindo, aproximadamente, 12,5 milhões de toneladas. Mesmo assim, o país exportou muito na safra passada. Os principais destinos foram Indonésia e Vietnã, além de alguns países da África e Oriente Médio. Conforme dados da Secretaria de Exportações (Secex), foram números recordes de exportação, alcançando 3 milhões de toneladas, praticamente o excedente do Rio Grande do Sul, o maior produtor.

Conforme o analista de mercado da Grão Direto, Ruan Sene, além de exportar para fora do Brasil, o estado gaúcho também mandou trigo para outras regiões brasileiras. “Esse cenário foi favorecido pelo valor elevado para importar o grão de fora, e o custo do trigo do Sul estava mais em conta”, explica Sene.



Rogério Fernandes

Alencar Rugeri da Emater tem a impressão de que o produtor não está muito animado, por causa da estiagem, mas deve ampliar a área de trigo

De acordo com Sene, o conflito geopolítico Rússia-Ucrânia interferiu na conjuntura mundial do grão, provocando uma disparada nos preços logo que a Guerra começou. O especialista afirma que a Rússia é o quarto maior produtor, mas é o maior exportador mundial do cereal. Isso fez com que a incerteza sobre a disponibilidade de leve os preços do trigo a patamares históricos, de mais de US\$ 13 o bushel. “Algum tempo depois do início do conflito, e com o Acordo do Mar Negro que permitiu o escoamento dos grãos, o mundo se ‘acostumou’ com o cenário, e os preços caíram bastante, chegando aos atuais US\$ 7 por bushel, o que ainda é um patamar elevado”, explica Sene.

No Brasil, a cotação da tonelada chegou a R\$ 2,4 mil e agora está em torno de R\$ 1,6 mil. Isso ocorreu, explica Sene, pois no momento da invasão da Ucrânia pela Rússia, o Brasil tornou-se uma vitrine, já que possuía trigo para exportar. “Os países compraram para garantir a segurança alimentar diante da incerteza do abastecimento”. Por hora, a expectativa é sobre o prazo de renovação do Acordo do Mar Negro, realizado no dia 18 de março. “A Rússia diz que são 60 dias; os demais países afirmam que a renovação foi por 120 dias. Mas 60 dias é pouco tempo levando em consideração o tempo que a logística marítima dura”, pondera Sene.



Divulgação

Mercado mundial foi afetado pela guerra no Leste Europeu, mas os efeitos mais impactantes já passaram, avalia o analista de mercado Ruan Sene

Aposta que deu certo

Na década de 1980, Clemente Kowalczuk tinha uma empresa de retífica de motores em São Luiz Gonzaga/RS. Decidiu entrar para o meio rural e comprou terras para a pecuária. Com o passar do tempo, foi abrindo áreas e diversificando atividades. Hoje, o filho Renato, engenheiro agrônomo, cuida das terras plantando milho, soja, trigo e outras culturas de inverno e mantém pouca pecuária.

Por sorte ou visão de futuro, no ano passado, decidiu ampliar a área com trigo em 30%. “Resolvemos aumentar e caprichar no investimento. A previsão era boa; era de que seria inverno frio e seco. E o retorno foi excelente, produtividade boa. Um ano extraordinário para o trigo”, conta. Com a boa previsão climática, na época, e com a prática de rotação para melhorar o solo, os manejos com fungicidas nem se tornaram tão necessários, afirma Renato. “Mas o principal foi investir um pouco mais em adubação, tanto na base como nitrogênio em cobertura”, revela.



Arquivo pessoal

Clemente Kowalczuk e a esposa, em foto na lavoura de 2022

A produtividade média da propriedade foi de 73 sacas por hectare, mas, em algumas áreas, superou 80 sacas contra uma média histórica de 50 a 60. “Essa aposta ajudou a salvar a safra de verão, que teve perda de 70%”, diz. Além do ganho com o trigo, outra medida que contribuiu para a família respirar aliviada foi que não foram contraídas dívidas para o plantio, pois foram utilizadas reservas para investir. Além disso, eles adiaram a troca de maquinário, que estava prevista para o ano passado. “Resolvemos dar uma esperadinha e, no fim, tivemos sorte”.

Segundo Renato, a região das Missões sofreu mais do que outras localidades com a estiagem, especialmente neste ano, no qual o prejuízo com soja já está em 80%. Mesmo assim, em 2023, deverá manter a área com trigo.

BIO ATÉ
NO BAG



Performa Bío

1º FERTILIZANTE MINERAL QUE
EQUILIBRA, RESTAURA E FORTALECE
A MICROBIOTA DO SOLO.

**A combinação do futuro que PERFORMA
com nutrição e produtividade.**

**Performa Bio ativa e reestrutura a microbiota
do solo, aumentando a eficiência dos
fertilizantes.** Sua ação melhora o desenvolvimento
e a tolerância das plantas a estresses, resultando em
um maior patamar de produtividade e promovendo
a conservação das áreas de cultivo.

Além de proporcionar um manejo agrícola mais
sustentável, Performa Bio é “Bio até no bag”.
A Mosaic Fertilizantes é a primeira empresa
no Brasil a usar big bags feitos de resina
reciclada pós-consumo (PCR). Os impactos
dessa inovação serão milhares de quilos de CO₂
a menos lançados na atmosfera, afirmando
o nosso compromisso ESG.

TRIPLA AÇÃO
**EQUILIBRA,
RESTAURA
E FORTALECE**
A MICROBIOTA
DO SOLO

3

Saiba mais em nutricaoodesafras.com.br e peça ao seu distribuidor.

As imagens e informações desta campanha são meramente ilustrativas e podem apresentar variações nos resultados e nas ofertas. A Mosaic Fertilizantes não fornece garantia, expressa ou implícita, quanto à precisão dos resultados que poderão ser obtidos com o uso do produto. Para mais informações, por favor, acesse o site nutricaoodesafras.com.br.

Mosaic[®]
Fertilizantes

Sorte ou planejamento?
Renato Kowalczuk comemora os
números com o trigo e deve repetir a área



Arquivo pessoal

Parceria que rende bônus

Já no Paraná, é a parceria entre cooperativas e uma indústria que vem gerando renda e liquidez na triticultura. O produtor Anderson Bocato, do sítio Boa Vista (em Mamborê - centro-oeste do estado), fornece, para a Nestlé, trigo que tem como destino a produção de alimentos infantis. A parceria é fruto de um programa desenvolvido entre a empresa, a cooperativa C.Vale e a Cootriguaçu Cooperativa Central, desde 2014. Pela produção rastreada e com a comprovação de utilização de boas práticas agrícolas, ambientais e sociais, os triticultores recebem bônus de 8% a 10% sobre o valor da saca de trigo. São mais de 300 hectares dos quase 800 hectares da propriedade dedicados à cultura e vendidos na totalidade para a Nestlé.

Para integrar o seletor grupo que fornece à indústria, Bocato precisa comprovar todos os produtos utilizados, que devem ser exclusivamente os registrados para a cultura, e não pode dessecar para colher. “Para nós, não foi difícil. A maior parte das exigências nós já cumpríamos, como a colheita natural, os produtos registrados, uso de EPIs e banheiro e cozinha para os funcionários”, conta. “Quem trabalha certo, pode entrar para o programa”, afirma.

Na safra de 2022, a família Bocato colheu 64 sacas por hectare. “Foi um ano muito bom, frente aos três anos anteriores bem difíceis para o trigo. Tivemos geada, seca, estava meio complicado e acabamos dedicando um pouco mais de área para o milho”, explica. Agora, com a boa produtividade da safra passada, em 2023, está mais animado. Entretanto, com a perspectiva de El Niño, a ampliação de trigo para a metade da área da propriedade ficou para, quem sabe, a safra do ano que vem.

Anderson e o pai Luís Bocato recebem
orientação da assistência técnica



Divulgação C. Vale



Seminários do Duas Safras mobilizaram três mil produtores. Só em Pelotas foram 600 participantes

Quatro caminhos para o cereal: é o Programa Duas Safras

O programa Duas Safras, lançado em abril de 2022, nasceu com objetivos ambiciosos: ampliar a produção agropecuária gaúcha em 40%, com o incremento da safra de inverno, que representa menos de 10% do volume da safra de verão no estado. O porta-voz do programa, o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Gedeão Pereira, garante que, ao final deste primeiro ano, teremos vários motivos para comemorar. O programa, gestado pela Farsul, a partir de uma provocação da Associação Brasileira de Proteína Animal e a parceria da Embrapa, deu, segundo Gedeão, “uma sacudida muito forte em todas as entidades do agro no Rio Grande do Sul, pela união das entidades com a proposta de ampliar a lavoura de trigo e de outras atividades também”.

Ao longo do processo, que impactou 3 mil produtores em eventos por todas as regiões, foram descobertas outras possibilidades, afirma Gedeão. Além de ampliar a ocupação dos campos no inverno, a produção de milho, na metade Sul do estado, mexeu também com a cultura do arroz, que vinha há tempos precisando de uma redução de área. Para o trigo, diz o presidente, são quatro caminhos para o escoamento: além do consumo humano e da exportação, a produção de ração e até de etanol.

Em março de 2023, uma reunião envolveu produtores e formuladores de ração para aves e suínos para a transferência de tecnologia. O setor de rações frequentemente enfrenta problemas no estado gaúcho para a aquisição de milho, principal fonte de energia para aves e suínos e que, graças a variedades pesquisadas pela Embrapa Trigo e a tecnologias desenvolvidas pela Embrapa Suínos e Aves, tem no cereal de inverno uma nova alternativa. O etanol de trigo também recebeu investimentos milionários em diferentes frentes, entre eles a Cotrijal, cooperativa de Não-Me-Toque/RS, que anunciou aporte de R\$ 300 milhões na implantação de uma usina. A iniciativa está na fase de definições internas da planta.

“O Rio Grande do Sul tem vocação para o trigo, tanto é que a maior parte de nossas cooperativas tem trigo em seus nomes”, lembra Gedeão. Entretanto, com o passar dos anos, a atividade foi perdendo espaço para outras culturas, especialmente a soja. Aliás, até a pecuária perdeu espaço para a oleaginosa, afirma o presidente. “A retomada do trigo está em cima de áreas de soja. A soja está tomando as áreas de pecuária, e nós precisamos verticalizar a pecuária. Nisso tudo o programa mexeu, em todas as estruturas produtivas do estado”, ressalta. Em 2022, foram realizados nove eventos. Para este ano, estão previstos 12, entre seminários e dias de campo.

AGRI TECHNICA^{DLG}

THE WORLD'S NO.

2023

12 – 18 NOVEMBRO | HANNOVER, ALEMANHA
DIAS EXCLUSIVOS 12/13 NOVEMBRO

Descubra inovações.
Visite a maior
feira agrícola
do mundo.



- A principal feira mundial de tecnologia agrícola
- Garantir a segurança alimentar. Proteger o clima. Promover a biodiversidade.
- Redes. Impulsos. Inovações.

#agritechnica



www.agritechnica.com

MADE BY

